



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

ISADORA CRISTINA ROCHA DE MENDONÇA

**TRAJETÓRIAS SOCIOEDUCATIVAS DE MULHERES CAMPONESAS NO ENSINO
SUPERIOR: UM OLHAR A PARTIR DO CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO (LEDOC) DA UFERSA**

**MOSSORÓ-RN
2022**

ISADORA CRISTINA ROCHA DE MENDONÇA

TRAJETÓRIAS SOCIOEDUCATIVAS DE MULHERES CAMPONESAS NO ENSINO
SUPERIOR: UM OLHAR A PARTIR DO CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO (LEDOC) DA UFERSA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais. Sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Gomes Filho.

MOSSORÓ-RN

2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tornar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

MM. 55 Mendonça, Isadora Cristina Rocha de Mendonça.
a t TRAJETÓRIAS SOCIOEDUCATIVAS DE MULHERES
CAMPONESES NO ENSINO SUPERIOR: UM OLHAR A PARTIR
DO CURSO DE LICENCIATURA INDISCIPLINAR EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO (LEDOC) DA UPERSA / Isadora
Cristina Rocha de Mendonça Mendonça. - 2022.
45 f. : il.

Orientador: Luiz Gomes.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,
2022.

1. Educação do Campo. 2. Mulheres Camponesas.
3. Ensino Superior. 4. UPERSA. 5. LEDOC. I.
Gomes, Luiz, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva
CRB: 15/120

O serviço de Geração Automática da Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

TRAJETÓRIAS SOCIOEDUCATIVAS DE MULHERES CAMPONESAS NO ENSINO
SUPERIOR: UM OLHAR A PARTIR DO CURSO DE LICENCIATURA INDISCIPLINAR EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO (LEDOC) DA UFERSA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais. Sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Gomes Filho.

Defendida em: 24 /11 / 2022.

BANCA EXAMINADORA

Orientador, Prof. Dr. Luiz Gomes da Silva Filho (UFERSA)
Presidente

Examinadora Interna, Prof^a Dr^a Ady Canário de Souza Estevão
Membro Examinador

Examinadora Externa, Prof^a Ms. Ana Paula Felipe Ferreira da Silva

Dedico este trabalho de conclusão de curso á Inês Rocha da Silva e Raimunda Amélia Macedo de Mendonça por todo cuidado e carinho que tiveram comigo ao longo de minha vida, também por todos os ensinamentos, guardarei para sempre em meu coração. (In Memoriam).

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para concluir essa graduação, foram inúmeros momentos difíceis, correria e ansiedade ao longo do Curso, porém nunca pensei em desistir. Em meio a tantas dificuldades desde a financeira à psicológica, Deus sempre me sustentou e acalmou meu coração dizendo que eu iria conseguir em todos os momentos.

Segundamente a minha mãe que é minha base, sem ela também não conseguiria concluir, é meu alicerce. Sempre esteve comigo, acreditou em mim, me incentivou, sonhou comigo, brigou comigo, mais sempre acreditou que eu iria conseguir, então nada seria possível sem seu incentivo, e isso é por ela, para ser motivo de orgulho para ela e para minhas avós, Inês Rocha e Raimunda Amélia (*in memoria*) que me ensinaram desde muito cedo a não desistir apesar dos desafios que surgirem.

Depois ao meu pai e meu irmão que também sempre fizeram de tudo por mim, me ajudaram financeiramente e me incentivaram, as minhas primas Eduarda e Dulleyme por todo apoio e conselhos que me deram ao longo da graduação, suas palavras de incentivo foram de suma importância para eu conseguir chegar até aqui. As minhas amigas Aluska e Daniela que sempre acreditaram no meu potencial, e me incentivavam. As minha tias Gorete e Maria Jose que também me deram muito apoio.

As minhas amigas que tive o prazer de conhecer na graduação, Ana Cleide e Kadidja, Janailma que sempre se fizeram presente e contribuíram de diversas formas nesses anos de graduação. Me incentivaram e contribuíram com essa pesquisa de TCC que foi de suma relevância para minha vida. E aos meus demais colegas por todo companheirismo ao longo desses quase 5 anos de vida acadêmica.

Agradecer ao meu orientador Professor Luiz Gomes Filho por toda dedicação e paciência tido ao longo deste trabalho, sua orientação foi de suma importância, ao longo da minha vida acadêmica. As professoras Ana Paula Felipe e Ady Canário de Souza Estevão por terem aceito participar da defesa e por todas as contribuições significativas que fizeram ao trabalho. Agradecer também a UFERSA, foram 5 anos vividos na universidade, anos de muito aprendizado e contribuição para minha vida. Agradecer também a banca examinadora por todos as contribuições para esse trabalho de conclusão de curso.

Dedico esse TCC as minhas avós que partiram e não poderão compartilhar essa alegria comigo, mas é para dá orgulho a elas que continuei escrevendo até concluí-lo, espero que sintam orgulho de mim aonde estiverem e saibam que foi no seus exemplos de vida, que eu me inspirei. As mulheres fortes que vocês sempre foram e que eu desejo um dia me tornar, as amo para sempre.

RESUMO

A Educação do Campo é uma perspectiva que vem despertando estudos e pesquisas das mais variadas vertentes. É também sinônimo de política pública e possibilidade para as pessoas do campo. Neste trabalho nosso interesse recai sobre a educação do campo com ênfase no ensino superior e de forma mais detalhada as mulheres camponesas. Desse modo, objetivo principal desta pesquisa consiste em analisar os principais desafios enfrentados pelas mulheres camponesas/estudantes do Curso de Licenciatura Interdisciplinar Educação do Campo (LEDOC) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) Mossoró – Rio Grande do Norte, para concluírem a graduação. De forma específica objetivou-se conhecer a realidade dessas mulheres, investigar se tem o apoio da família, entender como conciliam a vida de estudante e dona de casa e de agricultoras. Do ponto de vista metodológico, foi realizada uma pesquisa de campo com as mulheres camponesas do referido Curso. Quanto a coleta de dados ela se deu por meio de entrevista semiestruturada. No referencial teórico, destaca-se autores como Saffioti (1987), Fernandes (2002), Romanelli (1995), Molina e Sá (2011), Magalhães (2004), e D’Alonso (2008). E chegamos a conclusão que a maior dificuldade que as mulheres camponesas enfrentam é a falta de transporte para sair de suas comunidades e pegar um ônibus e assim conseguirem chegar na universidade.

Palavras-chave: Educação do Campo, Mulheres Camponesas, Ensino Superior, UFERSA, LEDOC

ABSTRACT

Rural Education is a perspective that has been motivating studies and research from the most varied aspect. It is also synonymous of public policy and possibilities for rural people. In this work, our interest it is on the rural education with an emphasis on higher education and, more specifically on peasant women. Thus, the main objective of this research consists of to analyze the main challenges faced by peasant/student women of the Interdisciplinary Degree in Rural Education (LEDOC) from the university *Universidade Federal Rural do Semiárido* (UFERSA), in Mossoró – Rio Grande do Norte, to get the undergraduate degree. In a specific way, the objective was to know the reality of these women, to investigate if they have the support of the family, to understand how they reconcile the life of a student, housewives and farmers. From the methodological point of view, we carried out field research with peasant women from the course mentioned before. For data collection, we did a semi-structured interview. In the theoretical framework, stands out authors such as Saffiotte (1987), Fernandes (2002), Romanelli (1995), Molina e Sá (2011), Magalhães (2004), and D'Alonso (2008).

Keywords: Rural Education, Peasant Women, Higher Education, UFERSA, LEDOC.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNBB Conferência Nacional dos Bispo do Brasil

CONSED Conselho das Secretárias Estaduais de Educação

CONTAN Confederação Nacional dos trabalhadores de reforma Agrária

ESAM Escola Superior de Agricultura de Mossoró

MST Movimentos dos Trabalhadores Rurais sem Terra

NAI Núcleos de Atividade Integrada

NEC Núcleos de Estudo Comum

PCC Projeto Político Pedagógico do Curso

PRONERA Programa Nacional de Educação na Reforma Agraria

TC Tempo Comunidade

TE Tempo Escola

UFERSA Universidade Federal Rural do Semi-Árido

UFMG Universidade Federal de Minas Gerais

UFS Universidade Federal de Sergipe

UNICEF Fundos das Nações Unidas pela Infância

UNB Universidade de Brasília

UNBF Universidade Federal de Brasília

UNESCO Fundo das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	Contexto Histórico da Mulher na educação.....	6
2.1	Mulheres Camponesas no Ensino Superior.....	9
2.2	A Mulher na Universidade: Caminhos e Possibilidades.....	12
3	Educação do Campo no Brasil: Contexto Geral.....	15
3.1	Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da UFERSA(	19
	LEDOC): Aspectos Gerais.....	
3.2	Relatos e Experiências das Estudantes da Ledoc UFERSA.....	22
4	Considerações Finais.....	29

1.INTRODUÇÃO

A monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (LEDOC) tem como área de conhecimento, Ciências Humanas e Sociais e aborda a trajetórias das mulheres camponesas, estudantes deste Curso, Campus Mossoró, e os desafios para concluírem a graduação. O Curso é destinado a formação de professores para atuação nas escolas do campo, *lócus* de origem da maioria dos/as estudantes, sendo a grande maioria formado por mulheres camponesas.

Desse modo, as mulheres camponesas, representam o objetivo desse estudo. As lutas percorridas para poder concluir o Curso e ter uma profissão, os desafios que enfrentam diariamente e ao longo da graduação para concretizar esse sonho. O interesse pela temática se deu, primeiro, pelo fato de a pesquisadora ser aluna do Curso e ter aproximação a linha de pesquisa envolvendo a mulher na sociedade e no ensino superior. Outro motivo para o interesse ao tema é o fato de ter diversas colegas de sala com o mesmo perfil e pela curiosidade de conhecer a realidade dessas mulheres, como elas superam os desafios que surgem em meio a graduação e no espaço de vida fora da universidade.

Do Ponto de vista metodológico esta pesquisa é de cunho qualitativo e também bibliográfico, além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e o método utilizado para a pesquisa de campo foi o qualitativo. A coleta de dados foi feita por meio de entrevista com 6 mulheres estudantes da LEDOC que estavam com consonância ao perfil do assunto abordado. Para a melhor compreensão do assunto que foi proposto destacamos os principais autores que basearam o estudo; Freitas (2007), Romanelli (1995) e Tavares (2010), Safioti (1987), Molina e Sá (2011).

Historicamente a mulher teve sua vida controlada desde o nascimento, era preparada para se casar e cuidar da casa, ser uma boa esposa e mãe. Não tinha direito a educação formal. A educação que recebia era exclusivamente para lhe preparar para o casamento. A mulher deveria aprender a bordar, costurar, cozinhar, entre outras atividades que lhe ajudariam na vida doméstica

Krause e Krause (2005) afirmam que até a segunda metade do século XVII, não se tinha uma educação formal voltada para a educação das mulheres da época. A educação para elas acontecia nos conventos, onde aprendiam a ler e escrever, mais principalmente se ensinava técnicas de trabalhos domésticos. As mulheres mais ricas que desejavam ter outro modelo de educação tinham que ir para Portugal. (KRAUSE; KRAUSE, 2005).

As mulheres sempre desenvolveram um papel fundamental na família, a função do cuidado lhes foi atribuída. Profissões associadas ao cuidado eram definidas para mulheres, como: enfermeiras, professoras entre outras. Por ocupar uma visão inferior perante a sociedade patriarcal e conservadora. Na medida em que a sociedade muda, vai definindo papéis para os indivíduos, o conceito de gênero na divisão social do trabalho determina o papel do homem e da mulher. Esse modelo de família se perpetua desde a Idade Média até os dias atuais.

Famílias são entidades dinâmicas com a sua própria identidade, compostas por membros unidos por laços de sanguinidade, de afetividade ou interesse e que convivem por um determinado espaço de tempo durante o qual constroem uma história de vida que é única e irreplicável (GIDDENS, *et al*, 1999, p. 71).

Com a modernidade a mulher assume longas jornadas de trabalho para dar conta das tarefas que lhe são atribuídas, priorizando a família e deixando de lado a carreira profissional. Ela conquista direito aos estudos, mais as suas responsabilidades do lar permanecem como atributos inerentes à ela. Assim, a mulher é sobrecarregada de funções e mesmo com todos esses impasses elas não desistem de acreditar em uma sociedade melhor e mais justa para elas e para todos. Nessa pesquisa abordamos o tema da mulher camponesa e seus desafios frente as múltiplas jornadas de dona de casa e estudante, agricultora que produz o sustento da casa e ainda concilia com as atividades da graduação.

A pesquisa ainda trata da criação das Licenciaturas em Educação do Campo (LEDOCs) como uma política educacional que permitiu aos homens e mulheres camponesas o direito de fazer uma faculdade e voltar para suas comunidades como professores. As LEDOCs fazem parte de uma política pública para a educação das pessoas que moram no campo. São cursos para formação de professores que podem atuar nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio nas escolas do campo. Essa política de criação dos Cursos foi implementada nas universidades públicas a partir de 2003 pelo Ministério da Educação (MEC).

No ano de 2007 iniciou-se experiências em 4 universidades públicas, foram elas: Universidade de Brasília (UnB); Universidade Federal da Bahia (UFBA); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal de Sergipe (UFS). Posteriormente essas experiências, outras universidades lançaram os editais de

seleção para o curso, e hoje as LEDOCs já somam mais de 40 cursos espalhadas pelo Brasil.

Por fim, destacamos a importância destes Cursos no âmbito nacional e local, como imprescindível para o processo de reparação de prejuízos históricos para as mulheres, sobretudo aquelas que moram e vivem no campo. Além os Cursos têm potencial para transformação e quebra de tabus assentados numa sociedade machista e patriarcal.

2.CONTEXTO HISTÓRICO DA MULHER NA EDUCAÇÃO

O nascer mulher vem carregado de diversas responsabilidades, foi assim por muito tempo, desde as gerações passadas, fomos ensinados por esse modelo de sociedade patriarcal que a mulher deve cuidar da casa, da família antes de tudo. Historicamente ela sempre foi ligada ao cuidar, cuidar dos outros, da casa, dos filhos, o cuidado é atribuído a mulher desde o seu nascimento.

Preparadas desde muito cedo para o casamento, a mulher ao se casar iria assumir as responsabilidades de esposa. Não existia uma preocupação com a educação. Até o século XV a sua educação era vista como desnecessária, existiam outras atividades consideradas como mais importantes para mulher como: aprender a cozinhar, aprender a bordar, e não existia espaços formais para a educação feminina (KRAUSE e KRAUSE, 2005).

No período do Brasil colonial a educação era de responsabilidade dos jesuítas e destinada apenas aos homens, depois a mulher conquistou o direito de estudar em casa, porém, com cursos destinado a mulher como costura, bordado, bolos e educação de boas maneiras, com o intuito de prepara-las para o casamento como era o costume da época.

Os mais conservadores, temendo o desmonte do sistema patriarcal e a dissolução da família, usavam como argumento a ‘natureza’ inferior da inteligência feminina e seu destino doméstico; outros, mais liberais, destacavam a importância de sua educação para o exercício das funções de esposa e mãe (ARANHA, 2006, p. 230).

No século XVI a grande maioria das mulheres eram analfabetas, as que tinham contato com a leitura eram absoluta minoria, e só podiam ter contato com leituras religiosas e rezas. As moças da época eram educadas em casa, tinham aulas de etiqueta, as mais ricas aprendiam outra língua como francês.

Na época se acreditava que a leitura e escrita não seria bem vista ao sexo feminino. A mulher deveria viver em seus lares com suas rezas e orações, rodeadas de filhos e submissas a seus maridos como mandava o costume. Esse era o modelo de sociedade educacional que existia na época, só houve mudanças no século XIX com a independência do Brasil.

Posteriormente com a sessão de algumas leis nas reformas Pombalinas (1759) as mulheres puderam estudar, porém separadas dos homens, algumas disciplinas como matemática e filosofia não podiam ser ensinadas às mulheres. Elas percorreram uma longa caminhada até ter seu direito de estudar assegurado.

Segundo a historiadora Mary Del Priore (1999), as primeiras escolas normais só surgiram depois da independência (1822) antes disso as mulheres tinham uma educação diferente dos homens, iam para os conventos aprender latim, música e aprender afazeres domésticos e prendas do lar.

Somente com a independência que surgiu perspectivas concretas quanto a educação feminina, onde foram criadas leis e posteriormente uma escola para mulheres. Foi somente a partir do segundo reinado (1840) que as escolas para mulheres aumentaram consideravelmente, mais ainda não atingiu todas, apenas poucas tinham acesso às escolas, e continuou assim por longos anos.

As mulheres passaram a ter educação formal apenas nos conventos, na metade do século XVII, o primeiro convento do Brasil foi fundado em 1678 na Bahia. O Convento de Santa Clara do Desterro da Bahia, é aqui analisado enquanto uma instituição educativa, uma vez que foi criado para satisfazer determinadas necessidades humanas e esteve em constante construção e transformação ao longo do período analisado. Uma instituição constitui-se como um sistema de práticas, com agentes e instrumentos que atingem as finalidades esperadas para o ordenamento da educação de um determinado grupo social (MAGALHÃES, 2004).

Os conventos não eram voltados apenas à religião, as mulheres aprendiam leitura e escrita e prendas domésticas, mais esse não era apenas o principal intuito do convento, lá também se tinha o cuidado com a moral e os costumes:

A preocupação de nossos antepassados do século XIX de ministrar às meninas uma esmerada educação doméstica destinada à formação de boas mães de família e de eficientes donas-de-casa, proporcionando-lhes, ao mesmo tempo, o conhecimento à prática das artes para o encanto da vida social. (MOURÃO, 1959 *Apud* MUNIZ, 2003, p.180).

Posteriormente os jesuítas foram expulsos (1759) mais foi somente com a vinda da família real ao Brasil que em 1827 surgiram as primeiras escolas primárias, as escolas ofereciam duas sessões, uma para mulheres e outra para homens, ambos ainda não estudam juntos, com o surgimento das escolas passou-se a buscar e contratar mulheres para serem professoras nas escolas, como afirma Demartini e Antunes (1993, p. 6), “(...) com o passar do tempo - já nos últimos anos do Império - , a situação se alterou e, pouco a pouco as mulheres foram sendo admitidas na Escola Normal”.

As mulheres que frequentavam as escolas eram geralmente mulheres brancas e ricas que tinham interesses diferentes, mais a sua maioria queria melhorar a leitura e escrita enquanto aguardavam o casamento. Em 1881 a primeira mulher é aceita na faculdade de medicina do Rio de Janeiro, um marco percorrido pelas mulheres pela desconstrução dos costumes da época.

Nos anos seguintes poucas eram as mulheres que conseguiam chegar ao ensino superior e um número bem menor conseguia concluir o curso, pois estudar demandava tempo e dedicação, enquanto a sociedade ainda pregava o casamento como de suma importância. Esse pensamento vem sendo desconstruído ao longo dos anos, e é um grande marco na luta das mulheres por igualdade de direitos.

O acesso as mulheres a universidade aconteceu primeiramente nos Estados Unidos no ano de 1837, com a criação de universidades exclusivas para as mulheres. Segundo Bezerra (2010, p. 3) “foi no estado de Ohio que surgiu a universidade feminina chama de women’s college”. No Brasil o ensino superior feminino só aconteceu no século XIX e as mulheres só puderam frequentar as universidade em 1879 quando tiveram o direito concedido por Dom Pedro II. Depois de todos esses anos conseguiram o direito a educação formal.

O início da urbanização e o crescimento econômico da sociedade fez com que a mulher lutasse cada vez mais pela sua liberdade e igualdade de direitos, direitos de trabalhar fora de casa, direito a educação entre outros. Foi a partir disso que a mulher passou a ter mais vez na sociedade, apesar de continuar a enfrentar inúmeros preconceitos enraizados na sociedade. Como afirma D’Alonso (2008, p. 23). “As mulheres deixaram de ser apenas meras donas-de-casa e passaram a ser não somente mãe, esposa e também operária, enfermeira, professora e mais tarde, arquiteta, juíza, motorista de ônibus, bancária entre outras das mais diversificadas profissões, ocupando um cenário que antes era masculino”.

Bassanezi (1997) e Del Priore (2005) apontam que, ainda em meados do século XX, o casamento representava o objetivo mais importante na vida das mulheres. Ser mãe, esposa, dona de casa, era este o destino natural das mulheres. Então elas eram preparadas ao longo de sua vida para serem boas esposas e mães, era esse modelo de educação que a mulher recebia, voltado para o cuidado do lar.

Essa foi uma conquista, um processo de muitas lutas e resistências. Nos dias atuais esse processo de luta ainda perpassa, a mulher ganhou o direito de estudar, porém, a predominância do pensamento machista ainda atribui à mulher o cuidar da casa, dos filhos e do marido. Cabe a ela buscar estratégias para conseguir se dividir entre os cuidados da casa e os trabalhos acadêmicos.

A mulher muitas vezes necessita de ajuda para conseguir dá conta de tudo, quando ela é mãe as responsabilidades aumentam, muitas mulheres não tem apoio da família quando buscar estudar, pois, socialmente as necessidades do lar ainda devem vir em primeiro lugar. Desde então, a mulher vem ganhando espaço e ocupando as cadeiras da universidades, sendo maioria nos níveis de ensino e principalmente o superior. Apesar dos impasses que enfrenta ao longo da graduação para conseguir permanência, condições essas como, assistência estudantil e pedagógica, apoio financeiro, apoio da família, apoio dos filhos, são condições necessárias que a mulher precisa ter para conseguir concluir a universidade.

2.1 MULHERES CAMPONESAS NO ENSINO SUPERIOR:

A terra proporciona o alimento que garante a sobrevivência e a convivência dos camponeses com o meio ambiente, além disso a terra é um elemento da identidade camponesa, lugar de raízes, de aprendizagem, de coletividade e construção. As mulheres camponesas têm uma relação de pertencimento muito forte com a terra e com suas origens, lugar de resistência passado de geração para geração.

Antes as agricultoras eram consideradas pessoas que viviam isoladas do mundo, com pouca escolaridade ou instrução formal, que viviam em condições precárias constantemente estavam ameaçadas pela fome pois dependiam das condições climáticas para produzir, moravam em casas humildes. O campo era, assim, visto como lugar atrasado em conhecimentos e com relações patriarcais muito fortes. Embora essa visão esteja assentada em uma realidade que de fato existiu, ela se perpetuou até aos

dias de hoje, quando a realidade já não é mais igual aquela de outrora. É preciso reconhecer os avanços e as conquistas que as mulheres camponesas alcançaram.

As mulheres camponesas possuem uma relação com o campo que vai muito além de valores econômicos, elas tem uma relação de pertencimento, cooperação e de valorização das origens. Possuem um estilo de vida próprio, são autônomas, plantam muitas vezes para sua subsistência e da comunidade em que estão inseridas.

O campo por anos foi visto como espaço de destaque masculino devido o sistema patriarcal enraizado na sociedade brasileira. Porém ao longo dos anos o campo vem se modernizando, mudando as formas de produzir, adicionando maquinário mecanizado e insumos industriais ao modo de produzir. Nesse sentido o campo antes era visto como espaço masculino e de muita resistência à desconstrução do patriarcado enraizado historicamente na sociedade.

[...] chama-se patriarcalismo a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida (normalmente) por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas. (MACHADO 2000, apud WEBER 2000, p. 184).

A mulher camponesa, na sociedade atual também consegue exercer diversas funções com dedicação e excelência. Determinação são palavras que definem a mulher que consegue dividir seu tempo para alcançar o sonho de se formar em uma universidade e ganhar espaço numa sociedade onde a mulher vem conquistando cada vez mais ambientes apesar de ainda não ser valorizada como deveria. Romper com os padrões é difícil, mais não impossível numa sociedade conservadora e patriarcal.

A mulher camponesa quando tem o sonho de entrar numa universidade ela já tem em mente que vai assumir uma dupla jornada, pois ela também trabalha no campo, nas atividades da roça, mesmo sua função principal sendo cuidar do lar. As responsabilidades dobram, grande partes das mulheres vivem esse desafio que é conciliar as atividades do cotidiano e de estudante.

Conciliar os estudos com as atividades de dona de casa foram continuamente empecilhos na vida da mulher, mais o desejo de cursar uma faculdade não pode estar tão distante, e é resultado de escolhas como mostra Romanelli “A escolha do curso é resultado de um processo longo de avaliação das aspirações do candidato, das profissões e do mercado de trabalho, que é lentamente elaborado na relação com a família.” (ROMANELLI, 1995, p. 23) De acordo com Freitas (2007, p. 19).

(...) nota-se, assim, que o caminho percorrido não levou a uma igualdade plena entre os sexos, pois a conciliação do trabalho doméstico com o profissional permanece sendo responsabilidade das mulheres, seja exercendo ou contratando outras mulheres para realizar o primeiro.

A mulher nunca foi alheia ao trabalho constantemente exerceu diversas funções na sociedade e quando decide estudar a responsabilidade se dobra e ela precisa buscar estratégias que possam lhe auxiliar nesse processo.

Atualmente as mulheres são responsáveis de construir um parcela cada vez maior de estudante em relação ao homem, não só em estudante mas como em escolaridade. O que já é de suma importância pois até alguns anos atrás elas eram vistas como menos capacidade para aprender certas matérias, como a matemática e a filosofia, pois essas mulheres eram vistas com cognitivamente inferiores aos homens. Bruschini & Lombardi:

[...] as mudanças apontam na direção de um pólo oposto, no qual ocorre a expansão da ocupação feminina em profissões de nível superior de prestígio, como a Medicina, a Arquitetura, o Direito e mesmo a Engenharia, áreas até há bem pouco tempo reservadas a profissionais do sexo masculino. O movimento de ingresso das mulheres nessas áreas científicas e artísticas tem-se dado na esteira dos movimentos políticos e sociais deflagrados nas décadas de 60 e 70 do século XX. Aqui incluído o movimento feminista e da mudança de valores culturais deles decorrentes, que se refletiram, entre outras coisas, na expansão da escolaridade das mulheres e, em consequência, em seu ingresso maciço no ensino de 3º grau em uma gama mais ampla de carreiras universitárias.

Pode-se perceber que aos poucos algumas conquistas importantes ganham destaque no cenário da vida das mulheres. As barreiras e os preconceitos ainda são significativos no percurso social e acadêmico dessas mulheres. Ainda assim, elas vêm ocupando cada vez mais espaços, e essas conquistas passam necessariamente pelo ingresso no ensino superior.

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. (SAFFIOTI, 1987, p. 08).

Ao longo dos séculos a sociedade vem se moldando e molda os papéis sociais do homem e da mulher, o homem sempre foi visto como aquele que tem mais força e a

mulher era vista como delicada e frágil, essas atribuições se perpetuaram ao longo dos anos. Desde muito cedo os meninos são ensinados a brincar com brinquedos que estimulam a força, coragem a desbravamento, enquanto a menina é ensinada a brincar de cozinha, fazer comidinha, cuidar das bonecas e das casinhas, até virarem adultas e assumirem novos papéis na sociedade atual.

Sabemos que na sociedade e no mercado de trabalho atual ainda temos profissões que são consideradas para mulheres como pedagogia, enfermagem, profissões onde se encontra um parcela menor de homens, da mesma forma como vemos menos mulheres em profissões consideradas como masculinas como nas áreas das exatas e nas engenharia. Desse modo, a mulher vem adentrando cada vez mais nesses espaços extra domésticos, ingressando nas universidades e lutando por igualdade de direitos.

Embora este cenário esteja mudando e mulher ocupando cada vez mais espaços, quando pensamos nas mulheres camponesas é preciso reconhecer que ainda enfrentam grandes desafios, sobretudo por causa das tradições culturais arraigadas pelo machismo, pela questão geográfica e também pelas muitas atribuições que ainda lhe são colocadas, principalmente tarefas domésticas.

2.2.A MULHER NA UNIVERSIDADE: CAMINHOS E POSSIBILIDADES

A mulher está cada vez mais inserida na sociedade atual tanto no mercado de trabalho, nas universidades, no campo e em diversas outras áreas. Buscando ganhar seu espaço e lutando por igualdade de direitos e de salário, ela já lutou por muitos direitos ao longo dos anos, isso é um fato, mais sem dúvidas o direito de estudar foi a maior das conquistas, pois permite que elas busquem sua independência, sua autonomia e sua liberdade, mais sabemos que nem sempre foi assim. Como diz Beltrão, e Alves (2009, p. 131): “Durante a maior parte da história brasileira existiu uma divisão sexual do trabalho que, de modo geral, impunha às mulheres as atividades domésticas e de reprodução (privadas), e aos homens as atividades extradomésticas e produtivas (públicas)”

Ao longo do tempo as mudanças ocorridas na sociedade, o cotidiano e a vida da mulher também mudaram, hoje a mulher tem mais espaços para buscar sua autonomia. A vida da mulher não gira mais em torno de procurar um marido, em

aprender a cozinhar e bordar para ser uma boa esposa como a sociedade antigamente era moldada, como diz Toledo (*et al*, 1985, p.9):

Vivemos em uma sociedade de estrutura patriarcal, que consciente ou inconscientemente tem sido concebida à imagem da família burguesa- o homem como provedor e a mulher devendo permanecer em casa atendendo aos afazeres domésticos e cuidando das crianças. [...]. A mulher permanece à margem destes processos esperando que o homem se ocupe de sua sobrevivência e da prole.

A mulher lutou assiduamente por melhorias em sua vida, mais ainda é vista como inferior em questões de salários, contudo, não podemos deixar de afirmar que a mulher vem ganhando espaço e lutando por independência, como afirma D` Alonso (2008, p. 23).

As mulheres deixaram de ser apenas meras donas-de-casa e passaram a ser não somente mãe, esposa e também operária, enfermeira, professora e mais tarde, arquiteta, juíza, motorista de ônibus, bancária entre outras das mais diversificadas profissões, ocupando um cenário que antes era masculino.

Conforme aponta o autor a mulher vem ocupando grandes cargos na sociedade atual, para que isso ocorra o ingresso delas na universidade é um fator fundamental. Assim, a mulher entrar na universidade foi um marco, pois é através da educação que ela consegue se tornar independente e mudar de vida.

Nesse sentido, as políticas educacionais de inclusão merecem destaque. No período recente uma das políticas que mais se destaca é a expansão e reestruturação das universidades públicas, o REUNI, criado em 2004, pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva. Essa política permitiu um aumento significativo no número de matrículas, sendo grande parte deste número ocupada por mulheres. A mulher ao entrar na faculdade se depara com uma oportunidade de mudar de vida e posteriormente ser independente.

O sonho de concluir um curso superior renova as esperanças, apesar dos impasses que vão surgir, agora a realidade é outra, a mulher precisa buscar maneiras de conciliar a vida pessoal com os estudos, seja ela casada ou solteira. A mulher que é casada precisa encontrar formas de conciliar as atividades de esposa e mãe com a vida de estudante, o que não é tarefa fácil. Dentro desses termos é preciso questionar, será que a universidade reconhece esses desafios impostos às mulheres? Será que a docência

está preparada para essas novas dimensões e novos sujeitos? Pela experiência que temos observado a resposta ainda é um sonoro não.

A mulher que é solteira também tem suas responsabilidades para conciliar estudo e tarefas de casa, as vezes mora na casa dos pais e precisa ajudar nas tarefas domésticas. É interessante perceber que mesmo quando permanece na casa dos pais, quando completa certa idade, algumas atribuições relativas as atividades do lar, vão lhe sendo incorporadas de maneira quase automática. Isso é resquício do patriarcado que ainda impera na sociedade, significa também que casada ou não as responsabilidades domésticas ainda lhe acompanharão, pois o status que predomina aqui não o estado civil, mas a condição de ser mulher.

A compreensão e ajuda da família quando se está cursando uma graduação é essencial para o sucesso acadêmico, tanto na questão do incentivo, motivação, tanto na parte de dá suporte para que a mulher consiga desenvolver as atividades. Ao longo da graduação muitos desafios podem surgir, se a mulher tiver uma rede de apoio da família ficará mais fácil vencer esses desafios. Sentir-se segura emocionalmente e financeiramente amparada é de suma importância na vida acadêmica e pessoal da mulher estudante.

Nesse contexto, existe as mulheres que trabalham e tem seu próprio dinheiro, porém tem mulheres que não conseguem trabalhar e estudar ao mesmo tempo e acabam precisando da ajuda financeira. Essa questão também é de suma importância para a mulher conseguir se manter na universidade.

Sabe-se que na graduação a mulher tem certos gastos, como transporte para chegar a universidade, tem os gastos com material, xerox que muitas vezes são pagos pelas próprias alunas, tem a alimentação, pois tem cursos que são diurnos e é necessário fazer refeições na universidade. A universidade tem um programa de bolsas porém muitas não são contempladas, e é necessário que se busquem maneiras para custear os gasto da graduação.

Para chegar a universidade, as mulheres que moram no campo, precisam sair de casa cedo para conseguir chegar no horário da aula. Algumas não têm transporte e moram longe da faculdade, precisam pegar carona, se submetem a ir para as estradas pedir carona. Torna-se perigoso para a mulher sair de casa e pedir carona há um desconhecido na estrada, podendo até ser vítima de segundas intenções. Então de fato este é outro impasse para a mulher concluir a graduação.

Diante de todos estes desafios apresentados torna-se urgente um olhar mais cuidadoso por parte das políticas educacionais no ensino superior que garanta além do acesso, uma permanência de qualidade para as mulheres que moram no campo. Esse é um pressuposto básico para se garantir igualdade de oportunidade entre homens e mulheres. Sem uma política séria, se torna apenas narrativa a igualdade de gênero.

3. EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL: CONTEXTO GERAL

Educação do campo é uma modalidade de ensino onde as pessoas podem aprender sem precisar sair das suas comunidades e assentamentos para estudar, é voltada para as pessoas que moram no campo, garantindo oportunidade aos jovens para se formarem e atuarem nas escolas das suas comunidades. É um modelo de educação que rompe os “muros” da escola tradicional:

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar de agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombolas. É no campo que estão às florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por tudo isso, o campo é lugar de vida e, sobretudo de educação (FERNANDES, 2002, p. 92).

Esse modelo de educação coloca as pessoas do campo em lugar central, valorizando seus conhecimentos e suas experiências adquiridas ao longo da vida, do trabalho e das reações interpessoais com os outros sujeitos. Nesse sentido, a Educação do Campo tem seu público alvo, segundo o Decreto 7352/2010, em seu artigo 1º, os seguintes sujeitos:

Populações do campo: agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural. Escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo (grifo do autor) (BRASIL, 2010).

A partir da segunda metade do século XX, por meio de reivindicações de movimentos sociais e da sociedade civil, que almejavam uma educação voltada para os interesses e necessidades da população do campo, uma educação que valorizasse a cultura e identidade das pessoas que vivem no campo, pois durante décadas a formação destinada às classes populares do campo, vinculou-se a um modelo “importado” da educação urbana.

O campo foi relacionado a preconceito enraizado na sociedade por anos, porém os movimentos sociais sempre defenderam o campo como espaço de construção de conhecimento e

de lutas. A superação da educação rural¹ vista apenas como uma formação mercadológica e a recente concepção de educação do campo foram constituídas por uma longa trajetória de lutas e discussões no interior dos movimentos sociais

Educação do campo tem como público alvo jovens e adultos que moram no campo. Não é apenas uma modalidade de educação, é uma política pública que garante pela lei a educação de milhares de pessoas que residem na zona rural e precisam ter o mesmo acesso à educação que as populações que residem nas áreas urbanas. A população do campo historicamente é vista como atrasada em relação as pessoas que estudam na zona urbana. Isso representa um preconceito que durante muito tempo foi utilizado para negar o acesso e a formulação de políticas públicas destinadas às populações do campo.

Nessa perspectiva as pessoas do campo sempre foram consideradas como sem cultura e sem educação, eram vistas como ignorantes e que serviam apenas para trabalhar no campo, assim não precisando de educação. Dessa forma podemos perceber como é de suma importância o direito a educação para as pessoas que vivem no meio rural. Para que assim possamos romper com esse pensamento atrasado em relação as pessoas que vivem no campo.

Na Constituição Federal de 1988, no artigo 6º diz: “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988).

A população do campo tem os mesmo direitos educacionais que a população urbana. Em seu artigo 205 a Constituição Federal também estabelece que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, certamente é comum ouvir essa frase, é muito usadas pelos movimentos sociais, é um direito assegurado da população camponesa.

Em 1998, foi criada a Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, entidade supra-organizacional que passou a promover e gerir as ações conjuntas pela escolarização dos povos do campo em nível nacional. Ainda, em 1998 foi realizada a I Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, uma parceria entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Universidade de Brasília (UnB), UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância, UNESCO – Organização

¹ Educação Rural é um modelo de educação que se baseia em conhecimentos elementares para as populações do campo. Baseia-se no utilitarismo, ou seja, na necessidade empreendida pelo trabalho, jamais na autonomia das pessoas.

das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Outro aspecto de tamanha relevância se dá em 16 de abril de 1998, por meio da Portaria nº. 10/98, foi criado o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Esse Programa é resultado da luta dos movimentos sociais do campo que desponta no país com a missão de ampliar os níveis de escolarização formal dos trabalhadores rurais assentados; fortalecer o mundo rural como território da vida coletiva e suas dimensões econômicas, sociais, ambientais, culturais e éticas, além de executar políticas de educação em todos os níveis.

Em 2006 no primeiro ano do governo Lula, ocorreu a criação do Programa de Apoio a Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PRONACAMPO), que disciplina ações específicas de apoio à Educação do Campo e à educação escolar quilombola, considerando as reivindicações históricas destas populações quanto à efetivação do direito à educação.

O PRONACAMPO foi construído pelo Grupo de Trabalho coordenado pelo MEC/SECADI, formado pelo Conselho dos Secretários Estaduais de Educação - CONSED, União dos Dirigentes Municipais de Educação - UNDIME, Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura - CONTAG, Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra - MST, Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar - FETRAF, Rede de Educação do Semi-Árido Brasileiro - RESAB, Universidade de Brasília - UNB e Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Este programa começou a ser desenvolvido por meio de um projeto piloto em 2007, nas universidades federais de Brasília, Minas Gerais, Sergipe e Bahia a convite do Ministério da Educação teve como principal missão promover a formação inicial dos docentes do campo por meio do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, por áreas de conhecimento, em regime de alternância pedagógica para atuação de professores nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio nas escolas do campo (MOLINA & SÀ, 2012)

Esse programa foi o início das Ledocs no Brasil, foi a implementação de cursos regulares nas Instituições Públicas de Ensino Superior em todo o país. Desta forma o programa tem a missão de formar educadores que atuaram na rede pública de ensino e proporcionar uma educação básica de qualidade nas áreas rurais.

A Resolução CNE/CEB nº 2, de 28 de abril de 2008 e as “Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo” são os documentos oficiais

normativos onde a expressão “Educação do Campo” aparece pela primeira vez. Como se pode perceber no art. 1º da Resolução nº 2, de 2008:

A Educação do Campo compreende a Educação Básica em suas etapas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional Técnica de nível médio integrada com o Ensino Médio e destina-se ao atendimento às populações rurais em suas mais variadas formas de produção da vida - agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros.

Com a criação do PROCAMPO em 27 de dezembro de 2010 segundo Diário oficial da União nº 249, 44 instituições de Ensino Superior Públicas do país foram consideradas aptas para implementação das Ledocs. Esses cursos têm diferentes áreas de conhecimento específicos, são elas: Linguagens e códigos, ciências humanas e sociais, matemática, ciências agrária. Assim podemos perceber que as Ledocs se iniciaram a partir deste programa e reconhecemos sua importância em relação a educação dos povos do campo.

No ano de 2016, a educação do campo sofreu um grande retrocesso. Com a derrubada da então presidenta Dilma Rousseff e a ascensão do seu vice, Michel Temer. Esse governo congelou os investimentos públicos nas áreas como saúde e educação por 20 anos, além da aprovação das reformas do ensino fundamental e médio, e das questões trabalhistas que afetam também os trabalhadores do campo.

Para que os povos do campo tenham uma educação de qualidade é preciso que haja investimento por parte dos governantes, tivemos um retrocesso do governo Temer ao governo Bolsonaro, em 2018 assumia a presidência do Brasil Jair Messias Bolsonaro. No ano de 2020 o presidente publicou o Decreto 10.252/2020 que altera a estrutura regimental do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra. O Decreto muda profundamente as competências do órgão e limita sua participação e parceria junto aos cursos de Educação do campo.

O governo Bolsonaro já demonstrou de diversas formas ao longo dos 4 anos de mandato o descaso que o mesmo tem com a educação Brasileira. Nesse sentido, observamos que o PRONERA vem sendo duramente ameaçado de extinção, pois seu orçamento foi diminuindo ao longo desses governos, o que configura também um ataque ao direito à educação pensada para os povos do campo. Um desmonte da educação do campo vem sendo feito desde 2016 e só mostra a necessidade de se pensar e defender as políticas públicas construtivas para as pessoas do campo.

3.1 LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFERSA (LEDOC): ASPECTOS GERAIS

A maioria das mulheres do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da UFERSA/Mossoró são mulheres camponesas, casadas e com responsabilidades de casa para conciliar com as atividades da graduação. O curso é destinado a mulheres que moram no campo. A Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM) foi criada em 1967. Em 13 de julho de 2005, o Senado Federal aprova o projeto de lei que transforma a ESAM em Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA), devido a esse processo de federalização a universidade criou mais cursos, contratou mais funcionários e assim aumentou de forma significativa a oferta de vagas para alunos.



(Fonte: Google imagens)

Nesse contexto, uma primeira proposta de curso de Educação do Campo foi criado pela Ufersa em 2008, antes mesmo do edital da PROCAMPO que foi divulgado em 2012. Desse modo, a UFERSA utiliza a proposta já formulada e a submete ao Edital Procampo. Assim, tendo a proposta aprovada, o curso começou no ano de 2013. Em setembro de 2013, ocorre o lançamento do primeiro edital de seleção de estudantes para o curso de Educação do Campo (Edital nº 045/2013).

Esse edital disponibilizava 120 (cento e vinte) vagas para alunos que vivem em áreas rurais de Mossoró-RN e região. A distribuição contou com 60 vagas para o primeiro semestre 2013.2 e as 60 vagas ofertadas para o semestre 2014.1. Na sequência veio o edital nº 073 de 2014, com uma disponibilidade de mais 120 vagas distribuídas em 2 semestres, 60 para 2015.1 e 60 para 2015.2. No ano de 2016 o edital nº 025/2016 ofertou 60 vagas distribuídos também em 2 semestres 30 para 2016.1 e mais 30 para 2016.2.

Em 2017, o edital nº 011/2017 ofertou 60 vagas para um único semestre, o 2017.2. Em 2018 foram disponibilizadas mais 60 vagas para o semestre 2018.2, em 2019 o edital nº 021/2019, ofertou mais 60 vagas para o semestre letivo 2019.2. Em 2020 foram ofertadas mais 60 vagas para o semestre 2020.2 que só começaria em 2021 como consta no edital 001/2021. Em 2021 foram ofertadas mais 60 vagas por meio do Edital nº. 019/2021 para o semestre 2021.2. Agora em 2022 no Edital nº. 22/2022 estão sendo ofertadas mais 60 vagas para o semestre letivo de 2022.2.

Podemos perceber pelos dados citados acima que procura pelo Curso de Educação do Campo vem diminuindo ao passar dos anos, essa baixa procura pode ser reflexo da falta de investimentos do Governo Federal para com as políticas públicas de Educação do Campo. É necessários que sejam feitos mais estudo para diagnosticar este fato, porém já é um sinal de alerta para novas reflexões sobre este Curso.

A forma de ingresso da Ledoc é diferenciada da forma convencional, geralmente a forma de ingresso de outros cursos é pela nota do Enem, na Ledoc se tem um vestibular específico, com uma prova de 10 questões de Língua Portuguesa, 10 questões de Matemática e uma redação. O processo seletivo consiste em 2 parte, a primeira é área documental onde se verifica se o aluno é apto para a vaga e o segundo é a prova objetiva.

A forma de organização do curso se dá da seguinte forma: divide-se em Núcleos, o primeiro é Núcleo de Estudo Comum – NEC, até o 5º período todos os estudante devem cursar disciplinas referentes ao este núcleo, que tem uma carga horária de 1650 horas e é composto por disciplinas como Ciências humanas e sociais, Ciências Agrárias Matemática, Linguagens e Códigos.

A segunda parte é o Núcleo de Atividades Integradoras – NAI também deve ser cursado por todos os estudantes do curso e tem uma carga horária de 975 horas tendo disciplinas como Práticas Pedagógicas, Pesquisa, Estágios Curriculares

Supervisionados, Trabalho de Conclusão de Curso, Seminários Integradores, Educação Comunitária e Métodos de Organização.

Ao concluir esses dois Núcleos os alunos optam pela Área de conhecimento ofertada pelo curso – Ciências Humanas e Sociais ou Ciências Naturais. O curso também é composto pela Pedagogia da alternância onde os alunos tem o tempo comunidade, ou seja fazem as atividades da universidade em casa, como diz o PPC do Curso.

O TC será desenvolvido nos locais de trabalho/moradia dos(as) licenciando(as), podendo ser instituídas cidades polos para que os(as) docentes possam acompanhar a organização, desenvolvimento e realização de tais atividades. A definição das cidades polos poderá ser alterada de acordo com o que melhor se adeque a realidade da diversidade de discentes que ingressam a cada semestre, com vistas a contemplar as principais regiões das quais os(as) discentes são oriundos(as). (UFERSA, 2013, p 24.)

O tempo comunidade (TC) é ministrado por um docente que irá elaborar atividade que contemple os assuntos abordados pela disciplinas, o objetivo do tempo comunidade é gerar um vínculo significativo entre universidade e o campo, um espaço onde os alunos podem apresentar suas comunidades e assim desenvolver um processo de aprendizagem fora dos muros da universidade. Uma aprendizagem que aborde temas cotidianos do seu dia a dia e de sua realidade e essas atividades realizados no TC Serão apresentadas no Tempo Escola

O Tempo Escola ou tempo Universidade (TE) é o momento em que as aulas ocorrem na universidade com a grade curricular organizada em ordem cronológica, hora, período. Em sala de aula o aluno aprende conteúdos relacionados a disciplinas, ensina, troca ideia com os colegas, e assim é construída uma aprendizagem significativas para ambos, é o espaço onde deve ser apresentado as experiências do Tempo Comunidade (TC) e assim existindo uma ponte entre universidade e o campo.

3.2 EXPERIÊNCIAS TRAJETÓRIAS DAS ESTUDANTES DA LEDOC UFERSA

Subtópicos das perguntas

O dia-a-dia da mulher dona de casa e estudante vem se destacando ao longo dos anos, esta questão vem ganhando força quando a mulher começou a ocupar as cadeiras das universidades, apesar dela nem sempre ter tido direito a educação formal, seu destino começou a mudar quando passou a ter acesso à educação.

Desta forma iremos recorrer a entrevista que foi realizada no ano de 2020 com as mulheres camponesas e estudantes do curso de educação do campo da Ufersa Mossoró. O perfil das estudantes são mulheres camponesas casadas e solteiras e passam a conciliar a vida de estudante com as responsabilidades de casa, o que de fato não é tarefa fácil, pois não são apenas as casadas que tem responsabilidades, a mulher em si tem tarefas domésticas para conciliar.

Para alcançar os objetivos pretendidos elencamos seus (08) questões fundamentais para nossa discussão: são elas:

- Qual seu estado civil?
- Você tem filhos?
- Porque decidiu entrar na faculdade?
- Já pensou em desistir do curso
- Quais as principais dificuldades que enfrenta para fazer o curso?
- Qual você enumera como a principal dificuldade?
- Tem apoio da família?
- Consegue conciliar a vida de casa e a vida acadêmica?
- Relate um pouco da sua trajetória na faculdade, sonhos, realizações, superações, aprendizados

Quando aos sujeitos da pesquisa, fomos autorizados a usar os nomes originais das alunas, seguindo portanto o que afirma o Termo de Livre Consentimento e Esclarecido (TCLE).

Começamos então com a primeira pergunta, neste momento utilizamos tabela para a melhor compreensão e maior detalhamento do perfil das entrevistadas. **“Qual seu estado civil?”**

Nome	Idade	Estado Civil
kadidja Angélica	25	União estável
Janailma Santos	25	Casada
Arllis Magdala	30	Casada
Ana Cleide	30	União estável
Isla Maiara	28	Solteira
Gesomara Paiva	27	Solteira

(Fonte: produção da pesquisa)

A segunda pergunta foi a seguinte: **Você tem filhos:** Todas as entrevistadas responderam que não têm filhos.

INGRESSO NA UFERSA

A terceira pergunta foi: **Porque decidiu entrar na faculdade?** *Janailma Santos* afirma: “Para obter mais conhecimento e poder atuar de maneira eficiente na área da Educação do campo onde resido, e, conseqüentemente, um futuro melhor na área financeira.” *Arllis Magdala* respondeu “Porque tinha certeza que queria lecionar, certeza da vocação.”

Aqui também nos deparamos com realidades diferentes, *Janailma Santos* visa a questão da liberdade financeira da mulher, assim se formando e posteriormente conseguindo um emprego como professora poderia ser financeiramente independente. Isso é uma realidade na sociedade atual onde a mulher busca constantemente por espaço, de fato ela viu na graduação essa oportunidade de ser independente e buscar uma realidade melhor para sua vida, nesse mesmo sentido, Romanelli (1995, p. 23) afirma: “A escolha do curso é resultado de um processo longo de avaliação das aspirações do candidato, das profissões e do mercado de trabalho, que é lentamente elaborado na relação com a família”.

Já na resposta de *Arllis Magdala* podemos perceber que ela gosta de ensinar e optou por entrar na graduação por se identificar com a profissão, por livre e espontânea vontade, sabemos que há alguns anos atrás a profissão de professora era considerada ideal para mulher, junto com a enfermagem pois está ligada ao cuidado e a mulher sempre foi vista como protetora, como se ela tivesse nascido para essas profissões e não

para outras. Porém a sociedade vem constantemente se modificando e essa ideia foi sendo questionada e hoje a mulher atua na área que se identificar melhor.

DIFICULDADES NA PERMÂNCIA

A quarta pergunta foi: **Já pensou em desistir do curso.** *Kadidja Angélica* respondeu: “sim por não ter dinheiro para pagar o transporte para ir para cidade de Upanema, e pegar o ônibus para Mossoró.” Esse é um dado recorrente que marca o perfil dos alunos/as da Ledoc/UFERSA. No mesmo sentido *Isla Maiara* afirma que “sim porque no início foi uma luta para conseguir um transporte para sair do meu assentamento até a parada de ônibus.” Mais uma vez pode se perceber a questão do transporte em destaque. As comunidades rurais quase sempre se localizam em áreas isoladas, de modo que para as alunos se deslocarem até a universidade elas precisa passar pelo movimento de mais de transporte.

Gesomara Paiva destacou que “Sim, tive muita vontade de desistir do curso por motivo de cansaço físico, ir e vir todos os dias, e por desgaste mental”. *Ana Cleide* respondeu que “No início do curso pensei em desistir sim, por causa de transporte, pois não tinha. No qual, tinha que andar 18 quilômetros todos os dias para poder pegar o ônibus na cidade de Upanema. Então, tive que me organizar e comecei a ir por conta própria e não desisti.”

Nas universidades brasileiras, existem as ofertas de bolsas e auxílios financeiros para subsídio das despesas durante o processo de formação, no entanto, conforme preconiza o Plano Nacional de Assistência Estudantil, é necessário que sejam ofertadas ações de moradia, alimentação, transporte, creche, ações de promoção da saúde física e mental dos acadêmicos. Que de fato são ações importantes e necessárias para a garantia da permanência dos estudantes.

Porém sabemos que a realidade é outra e nem sempre essas alunas são contempladas com esses auxílios e acabam tendo que tirar do próprio bolso para arcar com as necessidades da graduação que são muitas, fotocópia, alimentação e transporte entre outras. Podemos perceber nas questões acima que as meninas pensaram sim em desistir do curso por falta de transporte gratuito para chegar a cidade, pois moram na zona rural. Precisam estar as 6 horas da manhã na parada de ônibus. Essa é uma das dificuldades que as mulheres enfrentam para conseguir concluir o curso de educação do campo.

DIFICULDADES

Na quinta pergunta questionamos: **Quais as principais dificuldades que você enfrenta para fazer o curso?** *Janailma Santos* respondeu que: “Qualifico em três: distância até a Universidade, Dificuldade em cursar em dois turnos, deslocamento da zona rural à zona urbana (Universidade). *Arllis Magdala* respondeu que: “A época que foi um pouco mais difícil para mim na faculdade, foi quando eu trabalhava em um consultório odontológico e tinha várias disciplinas matriculadas, era um pouco difícil conciliar os dois, pois eu trabalhava na minha cidade e estudava em outra. Eu saía de casa 5 da manhã e chegava em casa as 7 da noite ainda para estudar para as disciplinas”.

Podemos perceber nessa questão a responsabilidade que a mulher assume ao entrar na graduação, a necessidade que ela tem ao buscar formas de conciliar a vida profissional com a graduação. Esse processo acaba se tornando cansativo pois as responsabilidades dobram e ela precisa dá conta, sendo que a própria graduação já exige muito, afinal estudar demanda tempo e dedicação. *Ana Cleide* disse que: “Foi a distância e a falta de transporte. Com a pandemia tudo se complicou, me atrasei mais ainda. Se as aulas presenciais voltasse agora, esse mesmo problema de transporte consiste, pois teria que ir por conta própria se quisesse concluir o curso.”

A mulher acaba ficando sobrecarregada de atividades pois quando volta da universidade se depara com as responsabilidades da casa. Sendo que ainda lhes sobram as responsabilidades do trabalho, então é de suma importância que a mulher tenha compartilhamento nesse processo, da família e do seu companheiro(a) para que esse processo seja mais flexível.

A sexta pergunta questão foi: **Qual você enumera como a principal dificuldade?** *Gesomara Paiva* respondeu: “O cansaço físico e mental” *Kadidja Angelica*, por sua vez afirma que: “A ida para Mossoró, por não morar na cidade e nem sempre ter condições de pagar um transporte.” *Arllis Magdala* destacou: “Foi conciliar o trabalho e a graduação, pois eu trabalhava e estudava e começou a ficar cansativo e puxado manter as duas rotinas.”

Nessa pergunta nos deparamos com questões que tratam da sobrecarga que a graduação acarreta e o desgaste físico e psicológico que pode causar nas pessoas. Sabemos que na graduação temos um prazo para entregar as atividades, e sabemos também que temos muitas outras tarefas para cumprir fora dos muros da universidade, tarefas do cotidiano da mulher, tarefas de casa, do trabalho.

Então, as vezes algumas coisas deixam de ser feitas por falta de tempo, isso pode gerar um desgaste emocional e o físico também, acordar cedo todos os dias e se deslocar de casa até a universidade também exige da mulher. As vezes tendo que acordar muito cedo para deixar almoço pronto, se a mulher não tiver uma ajuda, um suporte familiar, essa é a realidade muitas das vezes.

APOIO DA FAMÍLIA

A sétima pergunta foi: **Tem apoio da família?** *Isla Maiara* respondeu “Tenho todo apoio financeiro, incentivos para concluir a minha formação acadêmica.” *Ana Cleide* respondeu: “Tenho todo apoio, tanto de motivação, quanto financeiramente. Graças a minha família cheguei onde estou, mesmo com tantas dificuldades.” *Kadidja Angélica* destacou que: “sim, tenho o apoio que necessito, toda minha família sempre me incentivou para que concluísse esse curso.” *Arllis Magdala* respondeu que “Tenho todo apoio financeiro, todo incentivo e toda compreensão que preciso de meus familiares.”

Aqui vemos que as meninas tem total apoio da família, seja apoio afetivo como financeiro pois sabemos que a graduação demanda muitos gastos. Como o curso da Ledoc é matutino e vespertino as mulheres precisam ficar na universidade boa parte do dia e precisa se alimentar, necessita de dinheiro para isso. O fato da mulher ter ajuda já é algo de grande relevância para sua formação, como diz Urpia e Sampaio (2009). No mesmo sentido, afirmam que a família, as redes de amigos e a assistência estudantil são fatores importantes que viabilizam a permanência universitária das mulheres. Assim as redes de apoio são uma das possíveis maneiras de conciliar as demandas do ser dona de casa com a vida acadêmica da mulher.

CONCILIANDO TEMPO CASA E ACADEMIA

A oitava pergunta foi: **consegue conciliar a vida de casa e a vida acadêmica?** *kadidja Angelica* respondeu “Consigo conciliar mais nem sempre é fácil, As vezes fica algumas coisas da casa para fazer depois, como a casa para arrumar ou estudar para provas, em outros momentos passava a madrugada quase toda acordada, ia dormi de 23hs e acordava de 02 da madrugada para estudar, para fazer trabalhos.” *Isla Maiara* respondeu “Não foi fácil, é algo novo, esse novo requer de nós muito mais do que imaginamos, responsabilidade, autonomia para nos adaptar a uma nova rotina, a uma nova vida acadêmica e social. *Ana Cleide* respondeu: “Nem sempre consigo, as vezes, algumas coisas tem que ficar em segundo plano, para poder fazer com excelência o que tinha sido proposto a fazer.”

Nas respostas podemos perceber que a mulher consegue dá conta das diferentes realidades, porém para conseguir isso, muitas vezes precisa deixar algumas atividades de lado para priorizar outras. A graduação exigindo isso da mulher que ela busque maneiras de conciliar as diferentes realidades.

TRAJETÓRIA

A nona e ultima pergunta foi a seguinte: **Relate um pouco da sua trajetória na faculdade, sonhos, realizações, superações, aprendizados e etc.** *Kadidja Angélica* respondeu:

O inicio foi bastante complicado, por não ter condições de pagar um transporte para ir para cidade e de lá pegar o ônibus para universidade, sempre tive o apoio do meu esposo, da minha mãe, da minha vó, que sempre pude contar com eles, tive dificuldades por não ter celular ou qualquer outro aparelho para digitar os trabalhos e assim fazia os trabalhos sempre às pressas. Porém tive a oportunidade de comprar celular que ajudou muito, porque era onde eu digitava todos os trabalhos. Para poder fazer o curso como eu não tinha transporte e nem dinheiro para pagar todo dia, já fiquei em casa de amigos, e até de pessoas que eu não conhecia, já tomei muito banho de chuva na ida para casa, porque moro no assentamento um pouco longe da cidade, então morar longe da cidade dificultava a ida para faculdade, porém sempre gostei de morar no Assentamento, tenho um sentimento de pertencimento ao local. Já perdi prova e até reposição ficando em recuperação por causa das chuvas que fazem a estradas ficar alagada. Durante quase todo o curso eu passava a semana longe de casa e quando chegava tinha várias coisas para fazer além dos trabalhos provas (ENTREVISTA COM KADIDJA ANGÉLICA, 2020).

Podemos perceber que a aluno faz um relato fiel das experiências que teve que passar, mostrando uma realidade vivenciada por muitos alunos que moram no campo e precisam estudar na cidade. Um desafio que acaba por impor dificuldades que outros alunos não têm.

Já fiquei sem dinheiro para comprar lanche e xerox e para colocar gasolina, um momento difícil pois pensei não chegaria a terminar o curso porque eu pedia dinheiro emprestado para um dia e o outro não sabia como iria e se iria para faculdade ou não. Todo início de período eu ficava pensando; meu Deus como eu vou fazer esse período para ir, mas sempre Deus me mostrou um caminho, então cada período concluído para mim foi uma superação, os estágios foram superação por ser muito envergonhada. Nos primeiros seminários foram complicados para falar, mas ao longo do curso fui melhorando e com certeza foi uma superação. Foram tantas aprendizagem em relação a tantas coisas, desde a conteúdo, a como melhorar nos seminários, a como dar uma aula, já que eu não tinha nenhuma experiência, no último estágio tive realmente a certeza que todo esforço de noites mal dormida e banhos de chuva de toda luta enfrentada diariamente não era em vão, que realmente ser professora era o que eu queria, foi uma

experiência única (ENTREVISTA COM KADIDJA ANGÉLICA, 2020).

Sobre a mesma questão, *Arllis Magdala* respondeu: “Vivi muitas experiências incríveis na universidade, aprendi demais, amadureci, me superei quando pensava que não era capaz, fui contemplada com bolsa, apresentei trabalhos em eventos, e agora, estou prestes a receber meu diploma. Para mim, a graduação é algo singular na vida de uma pessoa. Foi a realização de um sonho”

Isla Maiara respondeu “O que nos mantém viva são os nossos sonhos, esse sonho de se ter uma formação é um sonho meu e da minha família que sempre me apoiou, cada trajetória existe dificuldades e foi nessas dificuldades que encontrei forças para não desistir.” No mesmo sentido, *Gesomara Paiva* respondeu: “Meu sonho é terminar o curso, o aprendizado vou levar pra vida inteira, de como me tornei uma pessoa melhor, e quero melhorar a cada dia mais.”

Sobre a mesma questão, *Janailma Santos* respondeu: “O sonho em cursar uma faculdade sempre esteve evidente em minha vida, porém havia muitas barreiras para concretizá-lo, principalmente o fato de residir em uma localidade campestre, onde as condições financeiras e de deslocamento à zona urbana eram os fatores principais de impedimento até então. Mais, no início do ano de 2015, consegui ingressar no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, rompendo com tais barreiras com muita dedicação e força de vontade. Ao longo dos períodos do Curso, obtive diversas experiências, superações e aprendizados referentes à Educação do Campo e com a jornada Universitária. Serviram-me e servem-me de apoio tanto no aporte teórico, quanto prático. Sonho em poder aplicar os conhecimentos adquiridos de forma efetiva aos meus futuros alunos, advindos de uma excelente grade curricular que nos é oferecida e administrada por um quadro de profissionais qualificados e excelentes no âmbito da Educação.”

A estudante Janailma Santos destaca as aprendizagens e as experiências adquiridas ao longo da sua formação acadêmica, afirmando que tanto do ponto de vista teórico quanto prático são conhecimentos que serão levados para a vida toda. Isso mostra a importância de uma formação contextualizada e humanizada.

Por fim, a aluna Ana Cleide respondeu: “A faculdade foi uma fase da minha vida onde vivi todas as emoções, onde me sentir realizada, capaz, tive alegrias, tristezas, amizades, ansiedade, medo, perdas, saudades, tanta coisa, e se hoje fosse para viver

tudo isso, com toda certeza eu viveria tudo de novo. Desde do início foi muito difícil. Como não tinha transporte do Assentamento para a cidade, desistir por uma ou duas semanas, mas surgiu uma solução. A partir daí, comecei a ir de moto também, no qual, o meu marido ia me deixar e me buscar todos os dias. Foi um período muito difícil, pois consumia muita gasolina, sem falar que era extremamente cansativo todo dia essa mesma rotina. O pior era no tempo de inverno, muitas vezes andamos na chuva, muito buraco, muita lama e muito medo de cair, sofrermos algum acidente e não ter ninguém para nós ajudar.

Sabemos que na nossa vida não temos só coisas boas, positivas, pois tem os momentos difíceis, e muitas vezes, são essenciais para o nosso crescimento interno. Na Universidade, foi um pouco difícil no início, era tudo novo para mim, fui me adaptando aos poucos. Acredito que o curso me fez crescer mais ainda, superei muita coisa ao longo do percurso, onde tive que me reinventar várias vezes, aprendi muito, e o mais importante, saber que faço parte dessa história da LEDOC), muito orgulho.

A partir destes relatos, pode-se perceber a relevância da educação na vida das pessoas, sobretudo na vida das mulheres que moram no campo. Os desafios apresentados são marcadamente vistos na mulheres. Ainda assim, é importante perceber a luta e as conquistas que as mesmas alcançaram. Ainda que nem todas estejam hoje atuando em sala de aula, é certo que a formação no Curso teve papel fundamental nas suas vidas, contribuindo de forma significativa nos processos de ascensão e conscientização social. Por isso destaca-se aqui a riqueza dos relatos não como entrevistas mas como documento comprobatório do poder da educação na vida das mulheres camponesas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir então que as mulheres camponesas enfrentam muitos desafios na suas trajetórias socioeducativas, ao decidir estudar, vêm junto outros desafios, conciliar a vida de estudante e dona de casa, sair de casa e deixar tudo pronto, ou fazer quando chegar em casa, ou não fazer por falta de tempo. São opções que muitas vezes precisam fazer para dá conta de tudo, nem sempre é possível dá conta de todas as responsabilidades.

A maioria das mulheres não tem transporte para chegar a universidade e precisão pegar carona, correndo risco de sofrer violência por desconhecidos. Esse é apenas um dos riscos que a mulher corre para conseguir chegar a universidade todas os dias. Outro impasse é a questão financeira, pois sabe-se que o curso é diurno então a mulher precisa passar o dia na universidade e isso demanda gastos. Se ela não trabalha vai depender financeiramente de terceiros, este é mais um desafio que elas enfrentam para concluir a graduação.

Historicamente a mulher sempre trabalhou, nunca foi alheia ao trabalho, algumas precisam trabalhar em outras esferas para custear seus gastos com a graduação, se não tem ajuda da família, as dificuldades dobram, pois a mulher terá menos tempo ainda para se dedicar aos trabalhos acadêmico e conciliar sua vida fora dos muros da universidade, sobrando apenas os finais de semana livre para concluir as atividades. Conciliar o tempo acaba sendo outro impasse para ela concluir a graduação.

Aqui vemos outra questão, a do transporte, que pelos relatos é a maior dificuldade que a mulher camponesa do curso de educação do campo enfrenta para concluir a graduação, Problema esse que a mulher do campo encara de frente, mesmo tendo pouco dinheiro, se vira, pega dinheiro emprestado, pega carona, mais não se permite desistir por isso, fora os outros problemas como cansaço físico e mental que as entrevistas relataram.

Vivemos em meio a uma sociedade machista e patriarcal onde a mulher luta constantemente por espaço, vemos que o campo também vem se modernizando, e ainda existem muitas barreiras a serem quebradas. A divisão do gênero é muito presente, a mulher precisa buscar formas de passar por cima desse preconceito para estudar, e assim construir sua autonomia enquanto sujeito capaz de mudar as relações do campo. Se reconhecer enquanto mulher e romper as relações de inferioridade e subordinação em

relação aos homens e assim desconstruir essas reações no campo o feminismo pode contribuir para essa formação de identidade.

Concluimos então que ao longo de toda a história a mulher desenvolve múltiplas funções, seja no campo, seja em casa, ou seja na faculdade. A mulher camponesa almeja mudar de vida, ser dona do seu próprio destino e enfrentando os desafios com a cabeça erguida. Apesar da série de desafios que encontra ao longo de sua vida acadêmica, enfrenta cada um, visando o tão sonhado diploma, que é sinônimo de conquista e muita perseverança, e isso podemos ver que a mulher camponesa tem de sobra.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO M. & RELVAS, A. P. (2002). **Novas formas de família**, Coimbra: Quarteto.
- AMARO, F. (2006). **Introdução à sociologia da família**, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia**: geral e Brasil. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.
- BASSANESI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: Del Priori, M. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- BELTRÃO, KAIZÔ IWAKAMI; ALVES, JOSÉ EUSTÁQUIO DINIZ. **A reversão do hiato de gênero na educação brasileiro século XX**. Anais, p. 1-24, 2016.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Ministério das Comunicações, 1988.
- BRASIL. **Decreto 7352 de 04 de novembro de 2010**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-denovembro-de-2010/file>. Acesso em: 01 set. 2021.
- BEZERRA, Nathalia. Mulher e Universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade. Conferência Internacional sobre os Sete Saberes, 2010, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UECE, 2010. p. 1-8. Disponível em: . Acesso em: 20 out. 2021.
- BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M.R. **Trabalhadoras brasileiras dos anos 90**: mais numerosa, mais velhas e mais instruídas. Disponível em< [http:// www.fee.rs.gov.br](http://www.fee.rs.gov.br) > Acesso em 25 de Fevereiro de 2021.
- D' ALONSO, G.L. **Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho**: trajetórias e travessias. Psicol Am Lat. México. N.15, dez. 2008. Disponível em < [http:// www.inesc.org.br](http://www.inesc.org.br)> Acesso em 25 de Fevereiro de 2021.
- Del Priore, Mary et.al. **500 anos do Brasil: histórias e reflexões**. São Paulo: Scipione, 1999. 152 p. il., mapas. (Ponto de Apoio).
- DEMARTINE, Zélia de Brito Fabri & Antunes, Fátima Ferreira . **Magistério Primário**: Profissão Feminina, Careira Masculina, In : Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 86, p 5-14, agosto, 1993.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Diretrizes de uma caminhada. In: **Educação do Campo**: Identidades e Políticas Públicas. KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo, osfs; CALDART, Roseli Salete (orgs.).Brasília, DF: 2002 (Coleção Por Uma Educação do Campo)
- FREITAS, Tais. Viudes de. **O cenário atual da divisão sexual do trabalho**. São Paulo: SOF, 2007.

- GIDDENS, A. (1999). **O mundo na era da globalização** (trad. do inglês por Saul Barata), Lisboa: Presença.
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação superior: notas estatísticas** - 2017. Brasília, DF: MEC, 2017.
- KRAUSE, Cristina da Silva Cavalcante; KRAUSE, Maico. **A educação de mulheres do período colonial brasileiro até a o início do século XX: do imbecilitus sexus à feminização do magistério**. 2005.
- MACHADO, L. Z. **Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?** In: Sociedade Brasileira de Sociologia (Ed.) **Simpósio Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo**, 52ª Reunião Brasileira para o Progresso da Ciência. Brasília: SBP, 2000.
- MAGALHÃES, J. P. **Tecendo nexos**. História das instituições educativas. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2004
- MOLINA, Mônica C. & SÁ, Laís M. **Licenciaturas em Educação do Campo: Registros e Reflexões a partir das experiências piloto**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.
- MOURÃO, Paulo K.C. **O ensino me minas gerais no tempo do império**. Belo Horizonte: CRPE, 1959.
- ROMANELLI, G. **O Significado da Educação Superior para duas gerações de famílias de camadas médias**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 76, n. 184, p. 445-476, 1995. Disponível em: br/index.php/RBEP/article/view/268/269>. Acesso em: 17 de jan. 2021.
- SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna LTDA, 1987.
- TOLEDO, Regina Antônia G. de et al. **A dominação da mulher: os papéis sexuais na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- UFERSA. *Projeto Político Pedagógico do Curso de Educação do Campo*. Mossoró, 2013.
- URPIA, A. M. de O. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico: narrativas de um self participante**. 2009. 200p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2009.
- WEBER, MAX; ECHAVARRIA, MEDINA; WINCKELMANN, JOHANNES. **Economía y sociedad: esbozo de sociología comprensiva/Wirtschaft und gesellschaft**. Fondo de Cultura Económica, 1964

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA**TRAJETÓRIAS EDUCATIVAS DAS MULHERES CAMPONESES NO ENSINO SUPERIOR:
UM OLHAR A PARTIR DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Nome completo _____ Idade _____

Perguntas:

1. Estado Cível:

Casada () Solteira () Outro ()

2. Tem filhos? Sim () quantos _____ Não ()

3. Cursa qual período? _____

4. Já pensou em desistir ou trancar o curso? Sim () Qual o motivo? _____

Não ()

5. Quais as principais dificuldades que enfrenta para fazer o curso?

6. Qual você enumera como a principal dificuldade?

7. Tem apoio da família? Sim () Que
tipo _____

Não ()

8. Porque decidiu entrar na faculdade?

9. Relate um pouco da sua trajetória na faculdade, sonhos, realizações, superações, aprendizados